Dia 17 — São Pacômio, Abade e Confessor

São Pacômio, tão célebre em todo o mundo cristão e a quem se pode considerar como o verdadeiro fundador da vida religiosa e cenobítica, isto é, dos que sob uma mesma regra e sujeitos a um superior vivem em comunidade dentro de um mosteiro, nasceu ao mundo na Tebaida superior por volta do ano de 278. Sendo menino, levaram-no seus pais, que eram gentios, a um templo dos ídolos. Emudeceu o demônio, declarando que não falaria mais palavra enquanto estivesse presente aquele menino. Persuadiram-se todos, à vista deste sucesso, de que Pacômio havia de ser com o tempo inimigo dos deuses; e confirmaram-se neste conceito vendo-o vomitar o vinho que se havia oferecido aos ídolos. Contudo seus pais cuidaram muito de sua educação, buscando mestres que o instruíssem na ciência dos antigos e procurando que aprendesse com perfeição a língua egípcia.

Apenas saiu Pacômio destes estudos, foi recrutado à força, juntamente com outros mancebos, numa leva que se fez para o exército de Constantino contra o tirano Aquileu. Embarcaram-nos todos no Nilo e naquela mesma noite desembarcaram numa cidade que era quase toda cristã. Foram recebidos por seus habitantes com tanto agrado, com tanta caridade e com tão extraordinário agasalho que, assombrado Pacômio, perguntou ao patrão que motivo tinham para tratar daquela maneira uns estrangeiros e homens desconhecidos. Respondeu-lhe o patrão que assim o mandava a religião cristã, que se professava geralmente naquela cidade. Rogou-lhe Pacômio que lhe explicasse que religião era esta, quais seus dogmas e que doutrina ensinava. Instruído de tudo, entrou desde logo em tão vivos desejos de fazer-se cristão que resolveu pedir o batismo logo que, concluído o tempo de serviço, obtivesse sua licença.

Conseguiu-a imediatamente que se acabou a guerra do Egito e pôs em execução seu propósito, apresentando-se na igreja do povoado de Quenobóscion, onde se fez catecúmeno. Era de excelente capacidade e de costumes puros, com que tardou pouco em ser instruído e consequentemente batizado. Logo que se viu cristão, resolveu fazer-se santo, praticando o mais perfeito que se lê no Evangelho. Duvidando, não sem alguma angústia, na eleição dos meios mais convenientes para conseguir este fim, chegou à sua notícia que no mais interior do deserto habitava um santo velho e grande servo de Deus chamado Palêmon. Buscou-o e rogou-lhe que o admitisse por discípulo seu. O santo velho, sem abrir a porta da cela, respondeu-lhe de dentro que louvava sua boa resolução, mas que buscasse a outro para que fosse seu mestre na vida solitária; porque outros muitos, desgostados como ele do mundo, se lhe haviam apresentado com a mesma pretensão e nenhum havia perseverado. Insistia Pacômio, e Palêmon lhe respondeu: «Filho meu, tu não poderás acomodar-te com meu gênero de vida: eu não como mais que pão e sal e não gasto azeite; não bebo vinho; estou em vela a metade da noite, empregando-a em rezar salmos e em meditar a sagrada Escritura, e algumas vezes a passo toda inteira sem dormir, entregue à oração.»

Atemorizou-se Pacômio ao ouvir este discurso, mas não se desalentou; antes, cheio de confiança em Deus, replicou a Palêmon: «Padre, eu espero que aquele Senhor que me enviou a ti me dará forças para seguir-te.» Enamorado o bom velho de sua fé e de seu alento, abriu-lhe a porta da cela e deu-lhe o hábito de solitário.

Em pouco tempo chegou o discípulo à perfeição do mestre e até a aventajou. Em nada encontrava dificuldade seu fervor; jejuns, vigílias, penitências, trabalho de mãos, tudo lhe parecia fácil. Quando rezavam o ofício divino de noite e observava o velho que a Pacômio o molestava o sono, tirava-o para fora da cela e fazia-o levar areia de uma parte a outra para despertá-lo, encarregando-lhe muito que juntasse sempre a oração com o trabalho e o recolhimento com a oração.

Num dia de Páscoa preveniu Palêmon a Pacômio que dispusesse de comer pela solenidade da festa, e creu Pacômio que devia acrescentar um pouco de azeite à comida ordinária, em atenção a tanta solenidade. Provou-a Palêmon e exclamou: «Meu Salvador foi crucificado, e eu hei de gastar condimento na comida!» Não a voltou a provar, e Pacômio não quis ser menos mortificado que Palêmon.

Foi visitá-los um solitário do deserto imediato e perguntou-lhes se teriam tanta fé que se atrevessem, como se atrevia ele, a caminhar com os pés nus sobre brasas acesas. Descobriu São Palêmon naquele solitário um grande fundo de orgulho e respondeu-lhe: «Irmão, se temos muita fé, teremos muita humildade.» O trágico fim daquele solitário orgulhoso fez mais humilde nosso santo. Tendo-lhe dado Deus a entender numa revelação que fora da Igreja católica não podia achar-se a verdade, olhou por toda a vida com grande horror os hereges e os cismáticos, singularmente os marcionitas e os melecianos.

Tendo passado muitos anos em companhia de São Palêmon, um dia em que se afastou muito da cela achou-se num sítio muito solitário chamado Tabena, onde se pôs em oração e ouviu uma voz que lhe disse: «Pacômio, fixa aqui tua habitação e funda um mosteiro capaz para dirigir nele, segundo a regra que te darei, todos os que vierem a ti, para que os guies pelo caminho da salvação.» Ao ponto lhe apareceu um anjo e entregou-lhe uma tábua em que estava escrita a regra que depois se observou com grande fruto. Referiu Pacômio a Palêmon o que lhe havia sucedido, e os dois se retiraram ao deserto de Tabena, onde nos princípios só edificaram uma pequena cela, que foi como o berço do célebre mosteiro de Tabena às margens do Nilo.

Pouco tempo depois sucedeu a morte de Palêmon, em quem perdeu Pacômio um grande auxílio; mas o consolou Deus enviando-lhe João, seu irmão mais velho, que foi buscá-lo e abraçou o mesmo gênero de vida. Estiveram sós alguns anos, trabalhando em fiar e em fazer sacos, que vendiam para sustentar-se e para dar esmola aos pobres, a quem repartiam tudo o que lhes sobrava do trabalho de suas mãos. Vestiam uma túnica muito grosseira, que só se mudava quando havia necessidade de lavá-la.

Nunca se despiu nosso santo de um áspero cilício que lhe chegava até os joelhos. Em quinze anos não se deitou; dormia sentado numa pedra, sem arrimar-se à parede. Regularmente fazia oração com os braços em cruz, e algumas vezes passava as noites inteiras nesta postura.

Teve muito que sofrer do gênio desabrido e enfadonho de seu irmão João, que morreu pouco tempo depois; mas muito mais exercitaram sua paciência as violentas tentações de que foi combatido e as fortíssimas ilusões com que o demônio procurou surpreender sua fé e cansar seu sofrimento. Causam admiração os artifícios de que se valeu o comum inimigo para enganá-lo; mas de todos livrou o santo sua humildade e seu frequente recurso à oração. Na mais terrível força destes combates deparou-lhe Deus um santo solitário chamado Apolo, que o fortificou e o alentou muito, exortando-o a que pusesse toda a sua confiança em Deus e na proteção da santíssima Virgem. Com efeito, mediante a assistência da divina graça, triunfou de todo o inferno; resplandeceu mais sua virtude e a manifestou Deus com o dom dos milagres. Caminhava sobre as serpentes sem receber lesão alguma, e muitas vezes o viram passar o Nilo conduzido dos crocodilos.

Ainda que a primeira visão havia feito grande impressão no ânimo e no coração de Pacômio, não obstante foi necessária segunda advertência do céu para resolver-se a juntar discípulos e instruí-los segundo a regra que lhe havia trazido o anjo. Era esta muito breve, proporcionada à fraqueza humana, cheia de prudência e muito própria para conduzir a alma à mais elevada perfeição.

Ordenava que a cada um se lhe permitisse comer segundo sua necessidade e jejuar segundo suas forças; mas que ao mesmo tempo cada qual fosse obrigado a trabalhar em proporção do que comia, querendo que a desídia e a preguiça estivessem desterradas para sempre do mosteiro. Prescrevia que houvesse três monges em cada cela; que não houvesse mais que uma cozinha e um refeitório; e, para que não se vissem uns aos outros durante a comida, todos baixassem a capa ou o capuz; que o silêncio fosse perpétuo e a modéstia dos olhos singular; que todos vestissem uma túnica de linho cingida com uma correia e um manto branco de pelo de cabra, com cujo traje haviam de comer e haviam de dormir; mas que para comungar fossem não mais que em túnica e capuz. Dispunha que os noviços não fossem admitidos ao trato com os monges antigos até passados três anos de provação, em cujo tempo não se lhes devia permitir outro estudo que o da oração, humildade e mortificação; que o silêncio perpétuo e a cega obediência à menor insinuação do superior havia de ser distintivo de todos. Mandava que a comunidade se distribuísse em vinte e quatro classes ou famílias diferentes, correspondentes ao número das letras do alfabeto grego, com uma letra em cada classe, que tivesse certa alusão secreta aos costumes e gênio dos que a compunham. A classe dos mais dóceis, por exemplo, estava assinalada com a letra iota ou I; a dos menos dóceis ou mais difíceis de governar, com a letra xi, cuja estranha figura, composta de traços irregulares, expressa perfeitamente o gênio dos imperfeitos e a irregularidade de seu proceder. Ordenava, enfim, que se fizesse oração doze vezes pela manhã, doze à tarde e doze à noite. E, como a Pacômio lhe parecesse que a regra era demasiadamente suave, o anjo lhe respondeu que, tendo-se formado a regra mais bem para os fracos que para os perfeitos, era razão atender mais à fraqueza dos uns que ao fervor dos outros; não exigindo daqueles senão o que estavam obrigados a fazer e deixando liberdade a estes para que acrescentassem o que lhes inspirasse sua devoção.

Os primeiros que acudiram a pôr-se sob a disciplina de Pacômio foram Psentesio, Suris e Obris, seguidos depois de tantos outros que foi preciso edificar novas celas, e em poucos dias subiram a alguns milhares os discípulos de nosso santo. Em todos acendia o fervor com seus desvelos, com suas orações e com seus exemplos; era o primeiro em todos os atos de comunidade; servia à mesa, trabalhava na horta, varria a casa, assistia dia e noite os enfermos, sem outra prerrogativa

nem distinção que a de viver com maior austeridade que todos os demais e ser mais humilde que todos.

Até que seus monges fossem elevados à dignidade do sacerdócio, fazia vir dos lugares vizinhos alguns sacerdotes que dissessem missa no mosteiro; e, tendo notícia de que naquela comarca havia muitos pobres pastores, privados da palavra de Deus e dos sacramentos, tratou deste ponto com Santo Aprião, bispo de Centira, a cuja diocese pertenciam, e edificou-lhes uma igreja, aonde ia o mesmo santo a fazer ofício de leitor e a explicar-lhes o Evangelho. Inspirava-lhes devoção a só presença do santo abade; e seu grato semblante, ainda que extenuado, sua modéstia, sua apacibilidade e sua virtude converteram à fé muitos pagãos, reduzindo também à Igreja um grande número de hereges.

Por este tempo, visitando Santo Atanásio, patriarca de Alexandria, as províncias de sua jurisdição, foi ver o célebre mosteiro de Tabena. Saiu a recebê-lo São Pacômio com todos os seus religiosos, distribuídos em suas vinte e quatro classes, que formavam outros tantos coros; receberam-no cantando hinos e salmos; mas nosso santo, que aborrecia toda distinção, soube ocultar-se entre os demais tão destramente que Santo Atanásio não pôde distingui-lo.

Noticiosa a irmã de São Pacômio de sua maravilhosa vida, foi ao mosteiro com grandes ânsias de vê-lo; mas o servo de Deus lhe negou este consolo, enviando-lhe a dizer pelo porteiro que devia contentar-se com saber que estava vivo e são e que assim lhe rogava que voltasse em paz a sua casa; mas que, se, movida de Deus, queria passar no deserto os dias de sua vida, ele lhe faria edificar um mosteiro aonde pudesse retirar-se ela e todas as demais que quisessem imitar seu exemplo. A virtuosa donzela, enternecida e edificada do desprendimento de seu irmão, aceitou a proposição que lhe fazia, considerando-a como uma ordem baixada do céu, e resolveu passar na solidão o que lhe restava de vida. Fez Pacômio que seus monges lhe edificassem um mosteiro distante do seu, com o Nilo entre os dois, onde em pouco tempo foi mãe de um crescido número de religiosas, às quais assinalou o santo abade um diretor, dando-lhes uma regra e prescrevendo-lhes certa forma de vida, quase em tudo semelhante à que observavam os monges. Quando morria alguma religiosa, as demais dispunham tudo o necessário para a sepultura e conduziam o cadáver até a margem do Nilo, que separava os dois mosteiros, cantando salmos segundo o costume da igreja; passavam depois os monges o rio com ramos de palmas e de oliveira e, cantando igualmente salmos, levavam-na à margem oposta e enterravam-na no cemitério com muitas cerimônias e solenidade.

Favoreceu Deus a São Pacômio com o dom de profecia, de línguas e de milagres, fazendo-o tão célebre em todo o Oriente e atraindo-lhe tantos discípulos a fama de sua santidade que foi preciso edificar outros muitos mosteiros, aos quais assinalava o santo superiores particulares, tendo cuidado de visitá-los todos os anos. Foi tão prodigioso o número dos monges que se contavam mais de vinte mil, povoando-se de santos todo aquele vasto deserto.

Atendia o santo abade com singularíssimo desvelo a desterrar de seus mosteiros todo espírito de novidade; e assim foram inúteis quantos esforços fizeram os hereges para introduzir neles seus erros, porque Pacômio eludiu seus artifícios. Pelo especial horror com que olhava as obras de Orígenes, proibiu aos monges sua leitura sob graves penas; e, achando em certa ocasião um livro

seu, arrojou-o ao Nilo com indignação, dizendo que o teria arrojado ao fogo se não estivesse nele escrito o santo nome de Deus.

Um jovem cavaleiro de idade de só catorze anos, chamado Teodoro, filho único e herdeiro de um rico patrimônio, ouvindo referir as maravilhas que obrava São Pacômio, sentiu-se tão movido que, renunciando a todas as vãs esperanças com que o mundo o lisonjeava e roubando-se à ternura de sua mãe, escapou ao mosteiro de Tabena e pediu ao santo abade que o admitisse no número de seus filhos. Recebeu-o Pacômio, prevendo que algum dia havia de ser ornamento e pai daqueles monges. Correu a mãe para tirá-lo, mas o noviço não a quis ver; e as respostas que lhe enviou pelo porteiro do convento fizeram tanta impressão naquela boa mulher que, renunciando ao mundo e distribuindo ao ponto seus bens entre os pobres, foi pôr-se sob a regra e direção da irmã de São Pacômio. Temperou Deus a alegria que causavam ao santo estas prosperidades espirituais com uma visão que teve sobre a sorte de seu instituto. Deu-se-lhe a entender que com o tempo se havia de relaxar o fervor de seus filhos e que esta funesta desgraça sucederia pela relaxação dos superiores que, deixando de ser homens interiores, começariam a governar por espírito de prudência humana e por razões políticas, abrindo a porta a muitos abusos e desprezando como miudezas as mais pequenas observâncias religiosas; que por sua debilidade no governo e por sua indevoção e maus exemplos se perderia a disciplina regular e com ela todo o espírito da ordem.

Afligiu muito esta visão ao santo abade, e não poupou meio algum para prevenir tão lastimosa desgraça; mas não achou outro consolo que o que lhe subministrou a solidez de sua virtude.

Também quis Deus prová-lo com outras tribulações que lhe sobrevieram com motivo de suas mesmas visões, milagres e profecias. Só ao nome de Pacômio fugiam os demônios dos corpos dos endemoninhados; acudiam em tropel os enfermos, e saravam todos com as orações do santo. No meio disso não deixaram de caluniá-lo, acusando-o de feiticeiro e de que tinha pacto com o demônio. Juntaram-se alguns bispos na cidade de Latópolis, por volta do ano de 346, e mandaram-lhe comparecer para justificar-se. Fê-lo o santo de maneira que aqueles prelados ficaram admirados de sua humildade, de sua sabedoria, de sua prudência e das extraordinárias graças que Deus havia depositado em sua pura alma. Restituído a seu mosteiro, prosseguiu empregando os grandes talentos que havia recebido, até que, extenuado com suas penitências, debilitado com seus trabalhos e cumulado de merecimentos, caiu enfermo alguns dias depois da Páscoa. Durante sua enfermidade não afrouxou nada de seu fervor nem perdeu aquela alegria natural com que sempre havia servido a Deus depois do batismo. Dois dias antes de morrer mandou juntar os monges; deu-lhes algumas instruções; encarregou-lhes com o maior encarecimento que jamais tivessem comunicação com os sectários de Ário, de Melécio nem de Orígenes; propôs-lhes por sucessor seu Petrônio e entreteve-se depois por algum tempo com seu querido discípulo Teodoro, por sobrenome o Santificado. Enfim, cheio de alegria e de confiança em Jesus Cristo, a quem havia servido com fidelidade, e na intercessão da santíssima Virgem, a quem amava com ternura, entregou seu bem-aventurado espírito nas mãos de seu Deus, no dia 9 de maio do ano 348, perto dos 72 de sua idade, tendo passado 35 no mosteiro de Tabena; e foi enterrado com a solenidade que merecia um santo tão grande.

Missa (oração)

A missa é do domingo precedente, e a oração do santo é a que se segue.

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Pachomii abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamos-vos, Senhor, que nos recomende a intercessão do bem-aventurado Pacômio, abade, para que consigamos por seu patrocínio o que não podemos por nossos merecimentos. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da que escreveu São Paulo aos de Éfeso.

Efésios 5,15-20

> **Latim:** 15 Videte itaque, fratres, quomodo caute ambuletis : non quasi insipientes, 16 sed ut sapientes : redimentes tempus, quoniam dies mali sunt. 17 Propterea nolite fieri imprudentes, sed intelligentes quæ sit voluntas Dei. 18 Et nolite inebriari vino, in quo est luxuria, sed implemini Spiritu Sancto, 19 loquentes vobismetipsis in psalmis, et hymnis, et canticis spiritualibus, cantantes et psallentes in cordibus vestris Domino, 20 gratias agentes semper pro omnibus in nomine Domini nostri Jesu Christi Deo et Patri,

Português: 15 E assim vede, irmãos, de que modo andais sobre aviso: não como insipientes, 16 mas como sabios: remindo o tempo, pois que os dias são máos. 17 Por tanto não sejais imprudentes: mas entendei qual he a vontade de Deos. 18 E não vos deis com excesso ao vinho, donde nasce a luxuria: mas enchei-vos do Espírito Santo, 19 fallando entre vós mesmos em salmos, e em hymnos, e canções espirituaes, cantando, e louvando ao Senhor em vossos corações, 20 dando sempre graças ao Deos, e Pai por tudo, em nome de nosso Senhor Jesu Christo:

Nota

«De Roma, onde estava preso o Apóstolo, escreveu esta carta aos fiéis de Éfeso, em cuja conversão havia trabalhado com tantas fadigas e com tanta felicidade. Escreveu-a por volta dos anos do Senhor de 62; e é esta epístola como um compêndio da vida cristã.»

Reflexões

Irmãos, olhai se viveis com a devida circunspecção, não como homens sem juízo e sem prudência, mas como pessoas de razão, recobrando o tempo perdido, porque os dias são maus. Dirigir-se-á esta advertência aos cristãos de nossos tempos? E, se fala com todos os fiéis o que diz o Apóstolo, que caso fazem disso os cristãos de nossos dias? Tudo está cheio de laços, tudo é perigos para a salvação; vivemos, por assim dizer, num país inimigo; o ar é contagioso, os exemplos sedutores; devemos desconfiar até de nosso próprio coração; nossas paixões sempre são temíveis. Para navegar num mar tão perigoso, tão difícil e tão famoso pelos naufrágios e pelos escolhos, não serão mister grandes precauções? E são muitas as que se tomam nestes desgraçados tempos? Expõem-se, entregam-se os homens ao perigo cantando e rindo. Concorrências mundanas, conversações amorosas, diversões no povoado e no campo, passatempos a qual mais contagioso, amizades perigosas, inclinações perversas, frequência de visitas sumamente suspeitas; em todas as partes objetos lisonjeiros e tentadores: e que precauções, que preservativos se tomam? Com que medo se entra nestas ocasiões! No mais retirado do deserto e debaixo de um áspero cilício temiam as almas inocentes; e hoje não se teme em meio de um forno ardendo! Quem nos alenta? Quem nos dá confiança? Muito enfermo está o que não sente sua enfermidade. Sempre fazem companhia à inocência o temor e a delicadeza de consciência; uma alma estragada e um coração corrompido nada temem. Mas dirás, e assim o dizes, que nas pessoas devotas, nas circunspectas, nas piedosas fazem mais impressão os objetos que nas pessoas do mundo, a quem o costume tira toda impressão e toda sensibilidade. Erro grosseiro, débil razão, ilusão miserável! Quem se domestica com o pecado já não lhe tem horror; nem se distinguem já os movimentos pecaminosos quando o mau costume os fez como ordinários. As expressões mais significativas, as licenças menos modestas, as demonstrações de ternura que passam muito mais além dos termos da cortesia, tudo se justifica com o nome de desembaraço e de despejo. Nem todos se negam aos afetos ternos, parecendo-lhes que são naturais: só desperta a alma ao ruído das culpas mais grosseiras. O odor de tantas flores como se gastam no mundo transtorna; os falsos brilhos deslumbram; e desde o mesmo ponto em que as paixões deixam de ser reprimidas acabam de cegar. Daqui nasce que os homens mais dissolutos, aquelas pessoas mundanas que encanecem, por assim dizer, na iniquidade, quando se chegam ao tribunal da penitência, mal têm de que acusar-se: passam-se-lhes poucas horas no dia sem pecar e depois de muitos anos mal se reconhecem culpados de um curto número de pecados. De onde provirá este escasso conhecimento? É fácil averiguá-lo. Quando está quase apagada a luz da fé, alcança-se a ver muito pouco com a luz da razão. Desenganemo-nos: a fé debilita-se ao passo que se debilita a delicadeza de consciência! Ó meu Deus, que turbações tão angustiosas, que cruéis espantos, que amargos arrependimentos se seguem na hora da morte a uma vida licenciosa, mundana e tranquila! Então se vê, então se conhece a precaução com que se deveria ter caminhado entre tantos precipícios como nos cercam durante esta miserável vida. Os que leram isto, os que fizeram todas estas

reflexões, serão daqui em diante mais cautos? Serão mais circunspectos?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

João 12,35-36

> **Latim:** 35 Dixit ergo eis Jesus : Adhuc modicum, lumen in vobis est. Ambulate dum lucem habetis, ut non vos tenebræ comprehendant ; et qui ambulat in tenebris, nescit quo vadat. 36 Dum lucem habetis, credite in lucem, ut filii lucis sitis. Hæc locutus est Jesus, et abiit et abscondit se ab eis.

Português: 35 Respondeo-lhes então Jesus: Ainda por hum pouco de tempo está a luz comvosco. Andai em quanto tendes luz, para que vosnão apanhem as trévas: porque quem caminha em trévas, não sabe para onde vai. 36 Em quanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Isto disse Jesus: e retirou-se, e escondeu-se d'elles.

Meditação

A perda do tempo é irreparável

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais preciosa que o tempo e talvez tampouco a haja cuja perda se sinta menos. Muitas outras perdas se podem remediar, mas a do tempo é irreparável; quer dizer, por mais que se faça, não se pode recobrar um só instante perdido.

Para pessoas capazes de reflexão e que querem salvar-se, não seria mister dizer mais para que conhecessem de que importância é o bom uso do tempo.

É certo que estão contados todos os momentos de nossa vida; empreguemos bem ou mal estes preciosos momentos, não havemos de aumentar seu número; este está determinado e vai-se diminuindo a cada instante. Há uma hora tínhamos mais tempo para viver e para trabalhar no negócio de nossa salvação; dentro de um quarto de hora teremos menos tempo do que agora temos.

Por mais que vivamos daqui em diante tão santamente como viveu um São Pacômio; ainda que não percamos nem um só momento do tempo que nos resta de vida, sempre é certo que o tempo passado não voltará jamais e que o que não empregamos em nossa salvação se perdeu sem remédio.

O bom uso do tempo futuro poderá livrar-nos do perigo em que nos precipitou o malogro do passado; mas não nos pode livrar de havê-lo perdido e de haver perdido com ele todas as graças que Deus tinha destinadas ao bom emprego daquelas horas perdidas e todos os méritos que podíamos haver adquirido empregando-as como devíamos. Ó santo Deus, e que perda!

Vamos passar o tempo. Assim nos explicamos, e assim se chama aquele tempo que se passa em vãos entretenimentos, em diversões muitas vezes pouco cristãs, no jogo, no passeio, no campo. Meu Deus, e que mal cai esta linguagem em boca de um cristão! Vamos passar o tempo. E esse tempo passado, esse tempo miseravelmente perdido, voltará acaso para nós? Poderá ser reparado? Logo já se perdeu para sempre o tempo de minha infância: logo aqueles formosos dias, aqueles anos floridos de minha juventude inteiramente se extinguiram. De dois ou de três mil dias que terei vivido, quantos dias cheios poderei contar? Quantos empregados no negócio de minha salvação?

Coisa estranha! Sendo o tempo tão precioso e tão breve, parece que toda a nossa ânsia é por que se passe quanto antes. Mal entramos numa idade, desejamos passar a outra; mal nos achamos numa estação, suspiramos pela que se segue. De que princípio provirá esta inquietude? Será porque é demasiadamente longo o tempo de nossa vida? Será porque nos cansamos de viver? Não por certo; nenhuns experimentam mais este desassossego que os que vivem deliciosamente e os que mais ânsia têm por viver. A principal razão desta inquietude involuntária é o mesmo mau uso do tempo, que nos inquieta; o pensamento, e talvez a inclinação natural a empregar melhor o tempo futuro, nos faz desejá-lo. Falando propriamente, a perda que fazemos e conhecemos é o que nos turba e nos põe tão inquietos; não há gosto nem diversão que nos livre desta inquietude; ela nos acompanha em todas as partes sempre que perdemos o tempo; e o maior desconsolo é que esta inquietude não nos pode ressarcir o dano desta perda. Será possível, Senhor, que por uma parte sejamos tão cobiçosos, tão escravos de nossos interesses, e por outra tão insensíveis à perda mais preciosa e mais irreparável de quantas podemos fazer?

Segundo ponto

Considera de quanto valor se nos representa na hora da morte todo o tempo da vida que já se passou e de que consequência se nos figura a irreparável perda deste malogrado tempo. Ó tediosa ociosidade, e que tesouros me fizeste perder! Insípidas e frívolas diversões, visitas inúteis, longas horas empregadas no jogo, e quão caras me saístes! Oh, e se lograsse hoje uma hora de tantas como empreguei mal, como a aproveitaria! Mas tive aquele tempo, tive por certo aqueles formosos dias; ah, e se então houvesse conhecido, como o conheço agora, o valor daqueles preciosos momentos! Mas não o conhecia então? Não o havia meditado muitas vezes? Logo só a minha malícia devo atribuir a irremediável perda que fiz. Oh, se em lugar daquelas eternas manhãs, consumidas numa sensual delicadeza na cama, no toucador ou ao espelho, houvesse empregado

ao menos meia hora em meditar as verdades mais importantes da religião! Oh, se em vez daquela ociosidade de profissão, daquelas concorrências mundanas em que o tédio, o enfado, a moléstia, os ciúmes, o cansaço, o desabrimento estavam sem cessar, mas silenciosamente, roendo-me o coração e as entranhas, houvesse empregado ao menos meia hora diante do Santíssimo Sacramento, em ler um livro espiritual ou em alguma outra boa obra! Que consolo seria agora o meu! Que confiança teria no presente vendo que não empreguei mal o tempo! Mas já o perdi; esta perda é da maior consequência; e eu morro! Assim pensarão, assim discorrerão muitos na hora da morte. Previnamos a tempo estes estéreis, estes desesperados remorsos enquanto estamos nesta vida.

Mal conheceu um São Pacômio as verdades da religião; mal raiaram em sua alma as luzes da fé; mal se fez cristão, voou a sepultar-se num deserto, empregou todos os instantes no negócio da salvação, chegando a lamentar-se de perder duas horas no sono, ainda quando estas não o dispensavam no exercício da penitência; e nós passamos toda a vida num eterno esquecimento de Deus, contando o tempo malogrado pelo número dos anos que vivemos; e em meio disso estamos tranquilos!

Ainda tendes luz por um pouco de tempo; caminhai enquanto a luz vos alumia. Lembra-te de que virá um dia em que já não tenhas tempo, porque ao tempo se há de seguir a eternidade: *Et tempus non erit amplius.* Empreguemos, pois, bem o tempo que nos resta e não percamos nem um só instante: *Ergo dum tempus habemus, operemur bonum.*

Se, quando se vai a essas concorrências mundanas onde reinam a ociosidade e a delicadeza, se pensasse nos ansiosos desejos que têm inutilmente os condenados de lograr alguns instantes dessas horas que se vão perder em conversações tão inúteis; se se pensasse no arrependimento que se terá na hora da morte, e talvez por toda a eternidade, de haver perdido um tempo tão precioso, far-se-ia a sangue-frio e com muito gosto uma perda tão lastimosa?

Que favor, meu Deus, que graça seria se concedêsseis um só dia àquela pessoa que se condenou ou à outra que está para morrer em pecado! Como se aproveitariam deste curto tempo! Vós me concedeis a mim esta graça, vós me dais este dia, e talvez todo este mês e até este ano; pois eu vos prometo, com vossa assistência, que não perderei nem um só momento.

Jaculatórias

> *Quot sunt dies servi tui: quando facies de persequentibus me judicium?* Sl 118.

Quantos são, Senhor, os anos que me restam de vida? Quando me livrareis destas paixões que põem em perigo minha salvação?

>

> *Anni nostri sicut aranea meditabuntur: omnes dies nostri defecerunt, et in ira tua defecimus.* Sl 89.

É nossa vida como uma teia de aranha que um sopro a desfaz. Que se fizeram nossos dias? E que será de nós quando nos julgardes no tempo de vossa ira e de vosso furor?

Propósitos

1. Ninguém há que não deva chorar o tempo perdido; porque ninguém há que não haja perdido muito tempo durante sua vida e ninguém que possa reparar o tempo que perdeu. Tudo quanto se pode fazer, mediante a divina graça, é empregar bem o tempo que nos resta. Para isto procura compreender desde hoje o valor e o mérito deste tempo. Considera que graça, que favor insigne, que milagre de sua misericórdia seria se concedesse Deus o tempo de meia hora a uma alma condenada. Ah! Não necessitaria mais para sair do inferno, para merecer a glória, para ser santa. Deus me fez a mim este favor, esta graça, este milagre. Não me deu só meia hora de tempo; deu-me todo o dia de hoje, talvez me dará o de amanhã, quiçá um ano inteiro; mas com a segurança de que cada momento pode ser o último, perderei eu um instante deste tempo! Eis aqui uma verdade de que deves convencer-te.

2. Pratica o seguinte: 1. Ao tempo de levantar-te pela manhã e de oferecer a Deus tuas obras, considera o muito que vale esse dia que começas a viver e que talvez será o postremo de tua vida, como o será certamente para muitíssimos outros. 2. Atende bem como empregas o tempo. Todas as coisas têm o seu: há tempo de trabalhar e tempo de descansar [^1], mas tanto o trabalho como o descanso hão de ser úteis; o desafogo do espírito e do corpo deve ser meritório para a vida eterna, pelo motivo que se há de ter presente para tomá-lo. 3. Jamais estejas de todo ocioso; leva sempre contigo algum bom livrinho, que te pode servir muito em mil ocasiões. Quando não puderes fazer outra coisa, ora: *Sine intermissione orate* [^2]. Há ocupações que são uma verdadeira perda de tempo. É certo que as pessoas mundanas, as indevotas poucas vezes deixam de estar ocupadas; mas em quê? No jogo, na diversão, no passeio, na caça, em ler alguns livros; mas consolar-lhes-á muito algum dia o haver empregado o tempo nisto?

São Pascoal Bailão, Confessor

Por volta dos anos do Senhor de 1540, reinando Carlos V e presidindo a cadeira de São Pedro o papa Paulo II [^3], nasceu São Pascoal Bailão, no dia 17 de maio e primeiro da Páscoa de Pentecostes, para glória da Espanha e ornamento da religião de São Francisco. O lugar de seu nascimento foi uma pequena aldeia do reino de Aragão chamada Torrehermosa. Seus pais foram Martinho Bailão e Isabel Jubera, honrados lavradores de escassa fortuna, mas ilustres pela piedade de seus costumes. Sendo ainda menino, começou a graça a dirigir suas operações como prelúdios

que eram da sublime santidade a que havia de chegar na idade provecta. Se alguma vez o deixava sua mãe só, ia à igreja, onde o encontrava com os olhos fixos com tal intensão nas imagens de Jesus e de Maria que custava trabalho separá-lo delas. Já jovem, dedicaram-no seus pais ao ofício de pastor; e, ainda que este solitário exercício parece que lhe fechava as portas para aprender a ler e escrever, pôde tanto sua diligência que aprendeu uma e outra coisa, já perguntando aos que sabiam, já ilustrando-o Deus por meio de sua graça. Seu surrão, em lugar de conter o ordinário alimento, era uma pequena biblioteca de livros piedosos, e entre eles o ofício da Virgem, que rezava diariamente com suma devoção e consolo de sua alma. Por esta causa separava-se dos demais pastores, aborrecia seus jogos e entretenimentos e vivia naquele ofício como o ermitão mais aproveitado. Sua conversação era santa e agradável; seus modos apacíveis e dulcíssimos; seu gênio manso e temperado; de modo que os demais pastores admiravam nele a madureza e prudência de um ancião e a pureza e inocência de um anjo. Falava-lhes ele muitas vezes da grandeza das virtudes, da santidade da vida cristã e da fealdade dos vícios; e isto o fazia com tanta graça e com tão fervoroso espírito que os demais pastores, sendo já alguns homens anciãos, moviam-se à compunção, correndo as lágrimas por seus rostos. Com singularidade lhes inspirava uma terna devoção à Mãe de Deus, a quem ele amava e servia com todo o afinco de seu coração. Se alguma vez advertia que seus companheiros se desazoavam e prorrompiam em juramentos ou blasfêmias, corrigia-os amorosamente e suplicava-lhes que pusessem seus olhos em Maria santíssima; e deste modo logrou apaziguar suas rixas e muitas vezes livrá-los de perigos.

Não se esquecia ao mesmo tempo de acrescentar aos duros trabalhos de pastor outras várias mortificações, entre elas o andar descalço por lugares escabrosos e cheios de espinhos, procurando deste modo imitar o Pastor divino, que tanto havia padecido por suas ovelhas. Divulgando-se a fama de suas amáveis prendas, entrou em desejos Martinho Garcia, homem poderoso, a quem o santo servia, de tê-lo por filho, estimando em mais esta glória que todas as suas riquezas. Chamou Pascoal e, quando o teve em sua presença, manifestou-lhe que queria adotá-lo por filho, fazendo-o dono das muitas possessões e riquezas que lhe havia dado o céu; bem via quanto lhe convinha aceitar este partido, trocando a vida trabalhosa que então levava por outra regalada e abastecida de bens de fortuna. «Vem, pois, disse-lhe; vem a minha casa, serás meu filho e depois de minha morte serás meu herdeiro.» Qualquer que tivesse espírito menos desinteressado que o de Pascoal teria aceitado com sumo gosto aquela oferta, estimando-a como princípio e fim de sua fortuna. Mas o santo jovem, que havia já elegido em seu coração a Jesus Cristo por sua herdade e toda a sua riqueza, respondeu-lhe, com o semblante cheio de modéstia, que se havia proposto em seu coração servir a Deus em pobreza voluntária; que nada aborrecia tanto como os bens deste mundo, que tinha por laços e impedimentos para conseguir a verdadeira felicidade; e que distava tanto de admitir sua generosidade que antes pensava em fazer-se religioso, abandonando não somente os bens temporais, mas a possibilidade de obtê-los. Que, de resto, lhe dava rendidas graças e lhe ficaria agradecido encomendando-o a Deus em suas orações.

Com este pensamento procurava Pascoal estreitar sua vida com novas mortificações, ensaiando-se na vida austera que devia empreender. Sendo já de idade de vinte anos, deliberando sobre a execução de seus santos intentos, passou ao reino de Valência. Quis despedir-se de uma irmã que habitava num lugar intermédio; e, tendo ido a sua casa, recebeu-o esta com sumo amor e quis regalá-lo segundo suas faculdades lho permitiam. Dispôs-lhe uma abundante ceia; mas, por mais instâncias e súplicas que lhe fez, não pôde determiná-lo a tomar outra coisa que um pouco de pão

e água. Admirou-se a irmã de tanta abstinência e, conjeturando que a esta mortificação acompanhariam outras maiores, com uma companheira chamada Joana Garcia pôs-se a espreitar à porta do quarto em que haviam disposto a cama a nosso santo. A pouco tempo de haver entrado nele, advertiram que se despia e, tirando umas disciplinas, se açoitava com tanta crueldade que tiveram que apartar-se dali, não podendo conter as lágrimas que tirava de seus olhos aquele sangrento espetáculo. Na manhã seguinte, tendo tomado pão e água por desjejum, encarregou muito a sua irmã que vivesse no santo temor de Deus e, despedido dela, prosseguiu sua viagem.

Chegou ao reino de Valência com intenção de fazer-se religioso; mas, não proporcionando-se ocasião oportuna para isso, teve que voltar a seu exercício de pastor. Ocupava-se nele nas cercanias de Monforte, povoação do reino de Valência, na qual havia um dos primeiros conventos da reforma de São Pedro de Alcântara e em sua igreja uma devotíssima imagem de Nossa Senhora de Loreto. Afeiçoou-se tanto a esta imagem que vinha frequentemente visitá-la e, quando estava no campo, tinha de ordinário voltado o rosto para a igreja, não podendo separar seus olhos de onde tinha o coração. Falava com os demais pastores de coisas pertencentes ao espírito, logrando neles tanto fruto que em presença sua ninguém ousava fazer coisa repreensível. Contudo vivia descontente, porque o exercício de pastor o privava de muitos consolos espirituais e porque era sumamente difícil alimentar bem o gado sem menoscabo do próximo. Nesta matéria chegavam seus escrúpulos até o extremo de delatar-se a si mesmo: logo que seu gado havia feito algum dano e ele o advertia, ia ao dono e não se separava dele até que, taxado prudentemente, lho satisfazia com seu soldo. Outro motivo de descontentamento em sua vida de pastor era o ver os desregrados costumes e perversos hábitos daqueles rústicos pastores: não era o mais a usurpação dos bens alheios, deixando entrar o gado nas herdades; o nome de Deus, a quem bendizem as ervas e flores do campo, era blasfemado; as mútuas rixas dos pastores terminavam em maldições e juramentos; do que ofendido em grande maneira o santo jovem, determinou escapar quanto antes de tão multiplicados perigos. Significou-o a um amigo seu, que era dos mais moderados entre aqueles pastores, o qual lhe respondeu: «Se pensas entrar em religião, por que não vais ao mosteiro de Nossa Senhora de Huerta, que é mosteiro rico e está em tua terra?» «Por isso mesmo, respondeu o santo, eu deixei minha pátria, meus pais e parentes para viver neste mundo como num desterro, sem mais pensamento que buscar o caminho direito para a pátria celestial; eu renunciei o rico patrimônio e adoção que me oferecia meu amo, pela pobreza de Jesus Cristo; e assim nada me podes prometer mais oposto a meus intentos que a entrada num mosteiro rico e que está em minha pátria.»

Ainda que até então não tinha Pascoal determinação fixa do sítio e religião em que faria sacrifício a Deus de si mesmo, com tudo isso a divina Providência o ia adjudicando de certo modo à religião franciscana em sua nova reforma. Dava a entender isto aquela devoção particular a Nossa Senhora de Loreto, que lhe havia inspirado a graça, e o especial afeto que aos religiosos daquele convento professava. Via neles uma suma pobreza na comida, no vestido, nos trastes de suas habitações e até nos utensílios para os ministérios sagrados; via uma humildade verdadeiramente cristã, daquelas que fogem das exaltações e grandezas da ambição; via, enfim, a mortificação de Jesus Cristo e sua cruz, e isto mesmo se conformava com seus santos propósitos e seus costumes. Acrescentava-se a isto que por aquele tempo viviam no convento lauretano muitos religiosos de uma virtude verdadeira e de uma mortificação assombrosa. Tratava-os o santo com frequência, porque acudia a eles para consolar sua alma nos santos sacramentos da penitência e da Eucaristia;

e com este frequente trato ia-se afeiçoando a viver com eles. Os santos são delicados na execução de suas resoluções. Sempre estão temerosos de suas próprias luzes e solícitos de averiguar o verdadeiro caminho por onde quer Deus que o sigam. Padecia Pascoal ansiedades em seu espírito e suplicava ao céu com fervorosos suspiros que se dignasse manifestar-lhe sua vontade para pô-la logo por obra. A oração simples, as lágrimas que saem do coração encontram imediatamente acolhida na divina misericórdia. Uma visão celestial assegurou a Pascoal de sua vocação; pareceu-lhe ver, num alheamento de espírito, um religioso e uma religiosa que vestiam um hábito de penitência muito semelhante ao que usavam os religiosos do referido convento. Voltando a si, entendeu que a vontade de Deus era que tomasse ali o hábito; e, sem mais dilação, apresentou-se ao guardião e pediu-lho com humildade. Como eram bem conhecidas as virtudes do santo jovem entre todos os religiosos, acederam com gosto a suas súplicas e deram-lhe o hábito com suma complacência, persuadidos de que Deus os enriquecia com um tesouro de santidade. Logo que Pascoal se viu religioso, contemplou que devia manifestar sua gratidão ao benefício recebido com novos exercícios de piedade. Dobrou suas penitências, enfervorizou seu espírito, dedicou-se à oração com mais ardor e mais perseverança que antes. Ainda que por sua instrução e talento podia ter aspirado a ser religioso de missa, escolheu ser religioso leigo; e sua humildade comprazia-se em exercer os ofícios mais baixos e mais penosos da casa. Vista sua verdadeira vocação e reconhecida por inspirada do céu, deram-lhe a profissão no dia da Purificação de Nossa Senhora, no ano de 1565.

Vendo-se Pascoal livre dos laços do mundo e dedicado para sempre ao serviço de Deus, atada sua vontade com os três votos de pobreza, obediência e castidade, deu graças ao Todo-Poderoso e começou de novo a carreira da perfeição. Nunca se o viu ocioso: a oração, a mortificação e as ocupações da obediência dividiam seu tempo e suas obras. Solícito da santificação de sua alma, fugia como de uma serpente da ocasião mais remota em que pudesse haver ofensa de Deus. Ninguém viu em sua conduta obra ou palavra que pudesse notar-se, não já de pecado grave, mas nem sequer leve. Era amantíssimo da verdade. Sendo porteiro, chamaram umas mulheres solicitando que o guardião descesse a confessá-las; levou o santo o recado e, respondendo-lhe o superior que o escusasse, dizendo que não estava em casa, respondeu o santo: «Perdoai-me, Padre, não direi tal coisa, porque isso seria pecado venial.» Amava a Jesus Cristo com tal ternura que todas as ações de sua vida e os tormentos de sua paixão os tinha sempre presentes para imitá-los. Daqui nascia aquela mansidão com que tratava a todos, aquela alegria que fazia seu rosto semelhante ao de um anjo; daqui aquela prontidão a quanto lhe mandava a obediência, aquela austeridade e rigor com que tratava seu corpo, sujeitando-o às leis do espírito; e daqui finalmente aquele zelo e solicitude da salvação das almas que procurava por todos os meios.

Não se contentava com aliviar a miséria temporal de seus próximos pedindo esmola para dá-la depois aos necessitados: sua caridade se estendia a mais altos fins, e suas esmolas eram acompanhadas de discursos patéticos sobre a fealdade do pecado, sobre as penas do inferno e sobre a grandeza de Deus. Esta invenção feliz reduziu muitas almas de um estado de perdição a uma vida fervorosa, contando-se entre elas muitas mulheres perdidas, muitos pecadores endurecidos e obstinados em seus vícios que, acovardados de sua enormidade, chegavam a desconfiar da divina misericórdia. Com o mesmo espírito de caridade repreendia as faltas que advertia, não somente em seus irmãos, mas até nos mesmos superiores. Tinha nisto tanta graça e era tão doce o artifício que lhe sugeria seu zelo que jamais sua correção produziu desgostos nem

desazos, mas reconhecimento e emenda.

A fé, aquele dom sobrenatural e divino que levanta a alma à contemplação dos sublimes mistérios e dá forças ao homem para empreender tudo com uma segura confiança na assistência do céu, teve em São Pascoal tão feliz acolhida que suas obras maravilhosas se poderiam contar por suas ações. São inumeráveis os milagres que obrou Deus por sua intercessão, já vencendo o poder da enfermidade e da morte, já produzindo repentinamente alimentos com que socorrer os necessitados. Em si mesmo manifestava de contínuo um estupendo milagre, que era prêmio de sua simples humildade e da viveza de sua fé. Jamais havia aprendido mais que a ler e escrever; seu trato havia sido com pastores; seus exercícios mecânicos. O contínuo emprego de seu tempo nas obrigações de porteiro, esmoler e outros exercícios semelhantes o afastava das conversações dos religiosos instruídos em matérias teológicas. Contudo, os sábios religiosos que o trataram asseguraram com juramento que falava dos dogmas mais sublimes da religião com uma precisão, exatidão e sublimidade que os deixava assombrados. Propunham-lhe as questões mais difíceis acerca da Trindade, da Encarnação e divinos atributos, e a todas satisfazia com tão sublime doutrina e tão acertadas respostas que se via claramente ser o divino Mestre quem o ensinava. Com efeito, na oração era onde Deus lhe manifestava aqueles arcanos que não é dado ao homem compreender e muito menos explicar com palavras. Importunavam-no os religiosos com as perguntas mais árduas e argumentos mais difíceis que tem a teologia, desejosos de alimentar suas almas com aquela ciência não aprendida que saía de seus lábios. Mas o santo, temeroso dos prejuízos que poderia ocasionar a sua humildade esta prova, inventou um artifício para ocultar sua milagrosa sabedoria. Procurou vários livros teológicos, lia neles e deles dava a entender que tirava as respostas que lhe ouviam. Para este efeito escreveu dois livros, onde tratava da união hipostática do Verbo divino e de outras matérias igualmente intrincadas; e, para dar a entender que nada do que ali havia era produção sua, pôs na portada esta inscrição: «Em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas e um Deus verdadeiro, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, a quem seja dada a glória e o império por todos os séculos dos séculos, amém. Eu, frei Pascoal Bailão, natural de Torrehermosa de Santa Maria de Huerta, escrevi este farrago para meu espiritual recreio, tendo-o recolhido fielmente de muitos livros santos.» Não obstante isto, estando em certa ocasião enfermo, pediu com suma eficácia ao guardião que queimasse estes livros, para que não ficasse no mundo coisa alguma de onde lhe pudesse resultar honra e glória.

Persuadido de que a humildade é o melhor alicerce da perfeição, até nas ações mais mínimas procurava Pascoal seu abatimento. Ocultava com estudo todas as graças que recebia do céu para que não fizessem apreço dele. Fugia dos lugares onde a fama de sua santidade havia produzido uma extraordinária veneração de sua pessoa. No convento buscava com esmero os ofícios mais baixos e exercitava-se neles com tanto gosto como poderia ter um ambicioso nos empregos mais honoríficos. Desejando o santo que o vestido contribuísse a exercitá-lo na virtude da humildade, trazia-o humildíssimo; seu hábito era um centão de remendos, e estes achados nos monturos. Sucedeu algumas vezes repreendê-lo publicamente o prelado por faltas que Pascoal não havia cometido; jamais pretendeu escusar-se: posto de joelhos, cravados os olhos no chão e com um semblante cheio de majestosa tranquilidade, ouvia a injusta repreensão; e, acabada, beijava os pés ao prelado e ficava muito gozoso de haver imitado em algo a Jesus Cristo. Outras vezes juntava-se com os religiosos jovens ou com os noviços, quando o mestre lhes impunha alguma

penitência, humilhando-se como réu e sujeitando-se ao castigo o que era reconhecido inocente e venerado de todos por santo. Assim cumpria por todos os meios as obrigações que prescreve a humildade cristã, sem que jamais se o visse nem dar escusa abonando sua conduta, nem queixar-se do agravo que se lhe fazia, nem lançar a culpa a quem a tinha verdadeiramente, nem recusar a repreensão ou o castigo, nem por último dar mostras de ressentimento em seu semblante.

A virtude da humildade, a da paciência e a da obediência estão tão intimamente unidas que com dificuldade se encontra uma sem a outra. Nos exercícios da obediência achava Pascoal muito que sofrer e ocasiões de humilhar-se; e da mesma maneira na paciência e na humilhação encontrava o mérito da obediência. Jamais se negou a disposição alguma de seus prelados, senão à que tinha visos de dar-lhe alguma superioridade. Se o mudavam de convento, recebia-o com gosto, tendo-se por peregrino sobre a terra. Se lhe mandavam pedir esmola, parecia-lhe estar imitando a Cristo, que se fez pobre para que nós com sua pobreza fôssemos ricos. Se lhe mandavam cavar na horta e fazer o ofício de hortelão, cria estar sofrendo o castigo dado por Deus a nosso primeiro pai e regozijava-se vendo que com o suor de seu rosto sustentava a seus irmãos e aliviava a miséria de muitos pobres desvalidos. Em todos os exercícios, em todos os empregos, em todos os destinos encontrava este servo de Deus o consolo de sua alma e os meios de santificá-la mais e mais. Seu espírito fervoroso em nada encontrava dificuldade nem temia perigo algum contanto que pudesse conduzir para este fim. Viu-se isto na difícil peregrinação que fez à França no ano de 1570. Ofereceu-se ao custódio de sua província um caso árduo que necessitava consultar-se ao geral; residia este então em Paris, aonde a escassez dos correios naquele tempo fazia necessário enviar um religioso. Tendo meditado o custódio quem seria mais apto para uma expedição em que perigava a vida, por causa de estarem infestadas as províncias da França de hereges huguenotes que odiavam mortalmente os frades, achou que só frei Pascoal aceitaria um encargo tão arriscado. Chamou-o e mandou-lhe que empreendesse esta viagem; e o santo, com suma alegria, pôs-se ao instante a caminho, confiado em que Deus o tiraria de todos os perigos. Chegou ao primeiro convento que tinha sua religião na França; e, tendo examinado os sábios padres daquela comunidade a comissão que levava e conhecendo por outra parte que perigava sua vida, puseram-se a disputar se era lícito obedecer com semelhante perigo. Resolveram que sim e o deixaram seguir seu caminho. Ia o santo descalço de pé e perna, com um hábito andrajoso e um rosto de penitência que levava atrás de si os olhos de todos. Por quantos lugares passava, em outros tantos recebia infinitos insultos e perseguições do povo, que gritava com furor: «Ao papista, ao papista!», acompanhando estas insultantes palavras com maus-tratos e apedrejando-o muitas vezes. Num povo rodearam-no uma porção de hereges, crendo que um frade aparentemente sem letras poderia facilmente ser convencido e imbuído em seus erros. Perguntaram-lhe se cria que na hóstia consagrada se continha o corpo de Cristo; e, tendo respondido que sim, começaram a argui-lo com sofismas para apartá-lo da verdadeira crença. O santo respondeu a tudo com tanta cópia de doutrina e solidez de razões que, confusos os hereges, começaram em despique a apedrejá-lo; mas Deus o salvou milagrosamente torcendo a direção das pedras. Prosseguindo seu caminho e achando-se molestado da fome, chegou a pedir esmola à porta de um poderoso. Mandou-lhe este entrar, pô-lo a sua mesa e, enquanto comia, disse-lhe que suas trazas eram de espião espanhol e que, como tal, devia ter por certo que ao levantar-se da mesa mandaria dar-lhe a morte. Calou o santo, ficando com uma serenidade admirável; à vista do que, movida a senhora a compaixão, fê-lo lançar da casa sem que o visse seu marido. A este teor achou-se em outros muitos perigos e trabalhos; mas, como obrava por obediência, Deus premiou esta heroica virtude, fazendo que

concluísse sua expedição e voltasse a Almansa bem despachado, como o custódio lhe havia prometido.

Sobressaiu nosso santo na virtude da penitência. Apesar de ser tão casto que em toda a sua vida não ofendeu esta virtude nem com o mais leve pensamento, exercitava-se em tão cruas penitências como poderia necessitar o mais voluptuoso e distraído. Sofria os frios do inverno caminhando com os pés nus sobre os gelos e a neve; e no verão trabalhava com a cabeça descoberta para que os raios do sol o ferissem com maior veemência. Apesar de que seu vestido nem lhe dava abrigo nem o livrava das inclemências do tempo, todavia julgava Pascoal que era um regalo; e assim, para desforrar-se, levava debaixo dele várias sortes de cilícios que com piedosos artifícios formava, umas vezes de crinas, outras de espinhos de cardos e outras de pontas de ferro. Sua cama era o duro chão ou uma porção de lenha, que mais bem servia para atormentar o corpo cansado que para tomar alívio. Passava a maior parte da noite em contínua oração, já posto de joelhos, já prostrado em terra com os braços estendidos, para que à meditação acompanhasse o mérito da penitência. Dava-se cruéis disciplinas quase todos os dias do ano, particularmente nas festas dos mártires, desejando experimentar em si de alguma maneira as dores do martírio. Nas festividades dos anjos repetia a disciplina até o número de nove vezes, rezando em cada uma delas o salmo *Miserere*. Às macerações do corpo juntava a abstinência. Desde sua entrada na religião havia-se proposto por modelo seu santo patriarca; e anteriormente havia feito profissão de seguir os passos do divino Mestre, que, estando crucificado, quis ter o tormento de provar fel e vinagre. Com este pensamento jejuou quase todos os dias de sua vida a pão e água.

Se tomava alguns legumes, era sem condimento algum, para que o paladar não percebesse deleite. Alguma vez comeu carne; mas, para imitar o tormento do divino Mestre, deixava-a primeiro que se corrompesse, de maneira que o fedor e a hediondez a fizessem mais desagradável que o fel e vinagre. Este jejum prodigioso o observava ainda estando enfermo, sem que as persuasões do médico e de seus irmãos alcançassem dele moderação alguma em sua severa abstinência.

A virtudes tão sublimes acompanhava uma oração contínua e uma altíssima contemplação dos divinos mistérios, na qual gostava sua alma de tão soberanas doçuras que recompensavam abundantemente todos os seus rigores, jejuns e penitências. Orava de contínuo em qualquer lugar em que se achasse. A continuação e o fervor o levaram a tão alto grau que se o viu muitas vezes privado de seus sentidos e fazendo uns movimentos que manifestavam os arroubos de sua alma e a torrente de delícias que recebia na oração. Estes efeitos eram mais sensíveis em presença do sacramento da Eucaristia ou das sagradas imagens de Jesus Cristo e sua santíssima Mãe. Talvez, alheado e fora de si mesmo, dava contra as paredes e rodava as escadas até que a dor o voltava a seu ser e lhe fazia cortar o ímpeto da contemplação. De seus escritos nesta matéria deduz-se a alteza e perfeição a que chegou este servo de Deus. Eles contêm o mais puro, o mais acrisolado e sublime de quanto escreveram os santos. Ali se veem uns colóquios tão ternos e afetuosos que provam o ardente fogo em que foram engendrados. O mais patético dos salmos, as orações mais fervorosas da Igreja, os afetos mais acesos dos contemplativos, as expressões mais vivas e amorosas, as graças mais humildes e rendidas, a ponderação mais justa das grandezas de Deus e de suas divinas piedades, tudo se encontra no pequeno tratado de oração que escreveu este santo para sua instrução e consolo. À Mãe de Deus tinha uma devoção terna e afetuosa; venerava suas

imagens com uma humilhação e respeito que infundia devoção em quantos o viam. Rezava seu santo rosário com tanta frequência que tinha as contas gastas; e em suas práticas e conversações jamais tratava de outra coisa que da vida e paixão de Jesus Cristo e das grandezas de sua santíssima Mãe.

Umas virtudes tão heroicas quis Deus que estivessem adornadas em seu servo com aquelas graças que se chamam *gratis datas*, as quais, ainda que não têm essencial conexão com a virtude verdadeira, costuma conceder Deus misericordiosamente para manifestar a santidade de seus servos. Teve o dom de profecia, o de penetrar os corações e o de fazer milagres. Em todos eles foi admirável, juntando ao mesmo tempo a exaltação da glória de Deus e o proveito de seus próximos. Uma das coisas que predisse foi o dia e hora de sua morte. Segundo se aproximava esta, notava o santo na efervescência de seu espírito que queria desprender-se das coisas terrenas e dos laços da carne para unir-se eternamente àquele a quem havia amado toda a sua vida. Notou isto também uma mulher piedosa que, vendo o santo ajudar à missa, advertiu em seu semblante uma alegria e sorriso tão extraordinários que lhe pareceu ver um bem-aventurado. Estando, pois, no convento de Villarreal e pressentindo que estava próxima sua morte, disse a um religioso que lhe lavasse os pés. Estranhou isto semelhante diligência num irmão que tão pouco cuidava do asseio de sua pessoa e muito mais sabendo a profunda humildade que caracterizava suas ações e pensamentos. Significou ao santo sua estranheza, e este lhe respondeu com uma calma e singeleza admiráveis: «Não vos admireis, irmão, que quero ter os pés limpos para receber o santo sacramento da extrema-unção, se acaso Deus quisesse que me seja necessário recebê-lo.»

O sucesso manifestou que falava com espírito profético; pois dali a poucos dias caiu gravemente enfermo. Sofreu com suma paciência as dores e angústias de uma doença que as tem tão mortais como é o tabardilho e a dor de lado. Nunca o ouviram queixar-se nem pedir medicina nem alimento nem voltar-se de um lado a outro na cama; antes, seu rosto alegre e tranquilo manifestava o desejo que tinha de ser desatado dos laços da carne para viver eternamente com Cristo. No discurso da enfermidade, que durou só oito dias, levantou-se uma vez a dar esmola aos pobres, dando-lhe a caridade e a graça as forças que faltavam ao corpo. Nesta ocasião avisou a uma pobre mulher, que estava enferma, de que no mesmo dia sairiam os dois deste mundo; o que se verificou. Agravou-se a doença; e, tendo recebido os sacramentos da Eucaristia e extrema-unção com devoção suma, pediu que para morrer o tirassem da cama e o pusessem no chão, querendo imitar nisto seu santo patriarca. Não se lhe concedeu, e assim contente de todos os modos com a vontade de Deus e de seus superiores, tendo um crucifixo nas mãos, os olhos cravados nele e o doce nome de Jesus na boca, expirou dando seu espírito ao Senhor, no dia 17 de maio do ano de 1592, primeiro dia da Páscoa de Pentecostes, e à mesma hora em que elevava o sacerdote a sagrada hóstia na missa maior. Seu corpo ficou formoso, flexível e com um semblante que movia a um mesmo tempo a veneração e a ternura. As gentes se comoveram e acudiam de todas as partes a venerar o santo cadáver, publicando-o por santo. Tinha-se por ditoso o que podia lograr a parte mais mínima de um remendo de seu hábito ou qualquer outra coisa por desprezível que fosse. O céu glorificava este servo de Deus com infinitos prodígios, pois nenhum doente tocou o santo nos três dias que esteve exposto à veneração dos fiéis que não recebesse o remédio de sua enfermidade. Já haviam deixado quase nu o santo corpo, e de hora em hora crescia a multidão do povo que acudia movido da fama de sua santidade e de seus milagres. Pensaram em enterrá-lo

e para lográ-lo tiveram que valer-se da astúcia e da autoridade da justiça. Puseram o cadáver numa caixa com suficiente porção de cal viva para que se consumisse a carne e assim o depositaram debaixo do altar dedicado à puríssima Conceição de Maria. No ano de 1611 fez-se pelo comissionado do bispo de Segorbe a inspeção do cadáver, o qual foi achado inteiro e incorrupto, apesar de haver sido coberto de cal quando se fez seu enterro. Justificado isto e uma portentosa multidão de milagres que seria longo referir, tendo acudido com reverentes súplicas os reis, príncipes e grandes, entre eles o duque de Gandía, que dedicou ao santo um magnífico sepulcro; e por último, a solicitação de sua religião, beatificou Paulo V este servo de Deus no dia 19 de outubro de 1618 e Alexandre VIII o canonizou depois em 1690, continuando Deus seus prodígios, por intercessão deste santo, com todos aqueles que para ser ouvidos procuram ser imitadores de suas santas obras.

Martirológio Romano

Em Villarreal, no reino de Valência, São Pascoal, da ordem dos Menores, homem de admirável penitência e inocência.

Em Pisa, na Toscana, São Torpete, mártir, um dos principais oficiais de Nero, de quem fala São Paulo escrevendo desde Roma aos filipenses: *Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que são da casa de César.* Depois de o haverem esbofeteado pela fé de Jesus Cristo e açoitado cruelmente com varas por ordem de Satélico, expuseram-no às feras para que o devorassem; mas, não tendo recebido mal algum, cortaram-lhe a cabeça no dia vinte e nove de abril: sua festa se celebra hoje por causa da trasladação de seu corpo.

No mesmo dia, Santa Restituta, virgem e mártir, a qual, no tempo do imperador Valeriano, tendo sido atormentada de diferentes maneiras na África pelo juiz Próculo, foi exposta sobre o mar numa barca cheia de pez e de estopas, para ser queimada em meio das águas; mas, quando se pôs fogo, as chamas voltaram-se contra os que as haviam acendido, e a santa entregou seu espírito orando a Deus. Seu corpo foi levado milagrosamente com a barca à ilha de Ísquia, perto de Nápoles, onde o receberam os cristãos com grandes mostras de veneração e de piedade. Constantino, o Grande, fez edificar depois uma igreja em Nápoles em honra da santa.

Em Niom, os santos mártires Heráclio, Paulo e Aquilino, com outros dois.

Em Calcedônia, São Solocano e seus companheiros soldados, que padeceram martírio no tempo do imperador Maximiano.

Em Alexandria, os santos mártires Adriano, Vítor e Basílio.

Em Würzburg, São Bruno, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Paschalem confessorem tuum mirifica erga corporis et sanguinis tui sacra mysteria dilectione decorasti; concede propitius, ut quam ille ex hoc divino convivio spiritus percepit pinguedinem, eamdem et nos percipere mereamur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que adornastes vosso bem-aventurado confessor Pascoal com um amor maravilhoso aos sagrados mistérios de vosso corpo e sangue, concedei-nos, misericordioso Senhor, que mereçamos perceber aquela doçura que o santo percebia neste divino convite do espírito. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico), e a mesma do dia 12.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Ainda mais que as riquezas desejam os homens a honra, a fama e a glória. A soberba, que fez cair em pecado nossos primeiros pais, de tal maneira se propagou em todos os seus filhos que de ordinário ela é a que infeciona nossas ações. Por isso o Sábio não encontrava nenhuma em toda a vida que não tivesse o selo da vaidade, clamando em todas as coisas: vaidade de vaidades, e tudo vaidade. O homem mais bem provido de bens de fortuna pensa que nada tem quando lhe faltam os oropéis da honra; e até esta se despreza em comparação de um nome ruidoso que acarrete muita fama e muita glória. Por este bem imaginário sacrificam-se com gosto o repouso, as riquezas e até a mesma vida; sem que haja perigo tão horroroso nem morte tão aziaga que possa retrair os homens quando uma vez se embriagaram da paixão da glória. Ao passo que isto é verdade, não o é menos que erram os homens o caminho por onde podem lograr seguramente o objeto que desejam. Por que exaltou Deus a Jesus Cristo e lhe deu um nome sobre todo nome? Por haver-se humilhado e haver sido obediente até sofrer morte de cruz. Eis aqui a vereda direita que guia à imortalidade e à glória verdadeira; e eis aqui a mesma que propõe o Espírito Santo na epístola deste dia. O que desprezou as riquezas, o que não permitiu que deslumbrassem seus olhos o brilho sedutor do ouro nem pôs nele suas esperanças, este será eternamente glorioso. Estas palavras de eterna verdade veem-se comprovadas com uma experiência tão constante que causa maravilha como puderam os homens buscar outro caminho para chegar a fazer-se famosos no mundo.

Todos os heróis que nos apresenta a história levam consigo a ideia do desprezo e até da execração quando suas ações não estiveram seladas com o selo da virtude. Um Alexandre subjugando o universo, um Júlio César usurpando o poder da maior das repúblicas do mundo e outros semelhantes personagens poderão conciliar-se uma vã admiração; mas seus feitos sanguinários cobrirão de uma eterna ignomínia sua memória. Ao mesmo tempo que se admira seu poder, aborrecem-se suas obras, censuram-se seus costumes e não se tem inveja à sorte que no presente desfrutam. Pelo contrário, no santo deste dia vemos um humilde leigo da religião mais pobre, submergido na pobreza, vivendo na obscuridade, abatido e desprezado; mas que glória pode igualar à que no presente desfruta? Compare-se com ela a de todos os sábios e conquistadores e achar-se-á que se desvanecem como fumo esses soberbos monumentos da ambição humana diante de um humilde leigo da religião de São Francisco. Suas ações são um exemplo de heroísmo que todos olham com admiração e com desejo de imitá-las. Seu sepulcro é tido como por um lugar de asilo contra todos os trabalhos desta vida. Seus sagrados despojos são olhados com um santo entusiasmo e uma humilde reverência.

Os grandes, os poderosos e até os mesmos monarcas humilham suas coroas e oferecem toda a sua fortuna por lograr sua proteção. Seu nome, humilde e desprezível ao que parece quando vivia, é repetido nas bocas de todos e acompanhado de louvores e bênçãos. Os sacerdotes, juntamente com os fiéis, congregam-se ao redor dos altares para dizer e celebrar com hinos e cânticos aquelas mesmas ações que olhava o mundo com olhos desdenhosos. Tudo conspira a exaltar e encher de glória aquele que desprezou as riquezas, que pisou as vaidades e que viveu como um verme desprezível da terra. Que loucura, pois, é a tua, ó cristão, quando com semelhantes experiências andas ainda tão solícito por procurar conseguir a glória deste mundo! Pensas que este mudará contigo seu antigo costume de confundir e olhar com desprezo aqueles que mais o serviram? Crês que se pode mudar a mesma verdade e que poderão faltar jamais suas divinas palavras? Não é possível que caibam em teu coração ideias tão quiméricas. Logo, se desejas glória, deves estar

persuadido de que não poderás jamais consegui-la senão pelo caminho por que a alcançaram os santos. Ainda que esta persuasão não deve ser motivo para que te ocupes na virtude pela vã esperança de ser algum dia glorioso aos olhos dos homens, contudo deves servir-te dela para conhecer que teus passos vão mal encaminhados e que não poderão conseguir um prêmio que está reservado à só virtude.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo que o do dia 12.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Sobre os bens da humildade

Primeiro ponto

Considera que a humildade é um manancial de bens verdadeiros para a alma que nela se exercita, os quais não alcançarão nunca os soberbos.

Estes miseráveis andam vagando, feitos presa de seus soberbos pensamentos, para encontrar a paz e tranquilidade de sua alma, que à maneira de sombra foge deles quanto mais a perseguem. A soberba, a ambição e o desejo de elevar-se sobre seus semelhantes enchem o coração do homem de tais cuidados e fadigas que o trazem num perpétuo desassossego e num círculo de inquietudes. Por mais que se adiantem seus passos para o objeto desejado; por mais que consiga grande parte daquelas distinções e autoridade que apetece, sempre se lhe apresenta aos olhos um caminho interminável e uma multidão de objetos que põem sua soberba num novo e contínuo movimento. Por isso diz o Espírito Santo [^4] que a soberba está sempre em contínuo ascenso. E quantas dores, quantas amarguras tiranizam o coração humano quando não corresponde a seus desejos o êxito de suas pretensões! O soberbo está continuamente formando projetos que desvanecem as casualidades; inventando artes e astúcias que saem vãs; tendo pretensões sem nenhum resultado; sacrificando suas riquezas para comprar os meios de sua exaltação. Mas que amargura a de sua alma quando, depois de todas estas diligências que lhe tiram o sono e lhe turbam os prazeres desta vida, encontra ou que não logrou o que desejava ou que seu logro não encheu seus desejos! O grande padre Santo Agostinho pinta em si mesmo esta infelicidade, com motivo de haver tido que pronunciar um discurso diante do César. Antecipadamente sentia seu coração agitado dos cruéis afetos do temor e da esperança. Sua admirável sabedoria parecia negar-lhe seus auxílios para que o discurso saísse com todo o artifício e cores retóricas que pudessem encantar o ânimo do imperador. Desconfiava da voz, da dicção e do gesto; e, ainda que era mestre de eloquência, sua soberba o fazia parecer a si mesmo como um homem estúpido e sem letras. O mesmo desejo que tinha de ser exaltado por aquele meio o enchia de tal agitação que a um mesmo tempo sufocava seu talento e fechava as portas a suas esperanças. Por isso exclama: «Vós, Senhor, quisestes que todo afeto desordenado fosse a pena de si mesmo, para que o homem se persuada de que não pode encontrar paz verdadeira senão em vós, que sois Deus da paz.»

O humilde, pelo contrário, de que gozo, de que tranquilidade verdadeira não tem inundado o coração! Com tudo está contente, tudo o satisfaz; olha os bens deste mundo como impedimentos para ser feliz; as dignidades como o centro da inquietude e das amarguras; e o ser mais que os demais como um motivo de maior responsabilidade e de maior perigo para sua alma. Desde o abatido lugar em que habita vê com olho tranquilo derrocarem-se as torres altas que edifica a soberba; e os grandes acontecimentos que espantam o mundo mal logram nele uma olhadela desdenhosa. Só vê grandeza, riqueza e poder em Deus; e contente com servi-lo coloca nisto toda a sua glória. Nada lhe turba o sono, porque seus pensamentos são pensamentos de paz. Nenhuma coisa lhe dá pesar, porque em nada deste mundo coloca seu interesse. Nada turba a tranquilidade de sua alma, porque tudo o que não é Deus o olha com indiferença. Até aquelas coisas que são comumente tidas por verdadeiros trabalhos, como são as enfermidades, as perseguições e as injúrias, não turbam a serenidade de sua alma, porque as abraça como regalos do céu e como meios de ser para sempre venturoso. Por isso os apóstolos saíam contentes e regozijados da presença dos tiranos, porque haviam merecido padecer injúrias pelo nome de Jesus. Assim a humildade produz na alma tanta paz e tranquilidade como a soberba inquietude e desassossego.

Segundo ponto

Considera que a humildade, além da tranquilidade que produz na alma, é um ímã que atrai para si as divinas graças e misericórdias.

Tiago [^5] explicou em poucas palavras as prerrogativas singulares da humildade, dizendo que Deus resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes. Com efeito, assim como de um modo admirável faz que não tenham efeito todas as maquinações dos soberbos, da mesma maneira por caminhos escondidos exalta os humildes, enchendo-os de graças e de honras mais além de suas esperanças. Quem não se pasma ao ver o soberbo Amã estar gozando com a próxima morte e abatimento do infeliz Mardoqueu? Quem não admira a turbação, o desgosto, a consternação que lhe causava, em meio de toda a sua glória, o que um homem desprezível não lhe fizesse cortesia? E quem não admira sobretudo os desígnios de Deus, que a um homem tão soberbo o abateu até o extremo de ocupar o cadafalso que ele mesmo tinha preparado àquele que o desprezava? Pelo contrário, vemos um José sair dos horrores de um cárcere aonde o conduziu a calúnia para ir governar o reino de Faraó e para ter em sua mão o coração do monarca e a sorte de seus vassalos. Estes espetáculos com que quis Deus manifestar ao mundo o horror com que olha a soberba provam ao mesmo tempo a generosidade com que tem derramado suas graças sobre as almas humildes. Os santos comparam o coração humilde a um ameno vale que recebe todos os mananciais e correntes cristalinas dos outeiros mais altos. Esta situação o faz fértil e o coroa de flores e de frutos, mantendo-o com uma perpétua louçania, ao passo que nas montanhas não se veem mais que escabrosidades, aridez e precipícios. A alma que se abate ao profundo da humildade recolhe em si todas as águas da divina misericórdia. A humildade é um fundamento sólido e seguro para o edifício espiritual, sobre o qual crescem quase sem trabalho todas as demais virtudes. O humilde é caritativo, porque julga que todas as coisas se devem a seu próximo. O humilde tem uma fé viva, porque, abismado no nada de seu ser, conhece o soberano benefício da revelação e crê com humildade os mistérios adoráveis. O humilde tem uma sólida esperança, porque não a funda em seus merecimentos, mas unicamente na divina misericórdia e na graça de Jesus Cristo. O humilde é verdadeiramente sábio, porque, conhecendo a debilidade das luzes naturais, despreza o orgulho da humana filosofia e sabe que toda a ciência do cristão se cifra em Jesus Cristo crucificado. A este teor o humilde possui todas as virtudes e faz-se o teatro das mais brilhantes operações da graça. Uma destas, a que mais o assegura e o faz mais feliz, é a tranquilidade de sua consciência. O verdadeiramente humilde está livre de contaminar-se com os hábitos venenosos da soberba, da vanglória e da confiança em seus próprios merecimentos. Nada se atribui a si, de nenhuma ação boa se reconhece autor; por mais que em suas obras brilhem os influxos da divina graça, sempre atribui a esta todo o mérito e valor. Por conseguinte reconhece-se diante de Deus por pecador, por indigno e desprezível. Esta humilde confissão excita a bondade divina a derramar sobre ele as graças em mais abundante cópia; estas graças o fazem de cada vez mais perfeito e o colocam num estado mais seguro; e de tudo resulta que o verdadeiro humilde chega a ser um tesouro que encerra em si todos os bens celestiais. Esta consideração só bastaria para enxotar dos homens até a sombra da soberba e enamorá-los da preciosa virtude da humildade.

Jaculatórias

> *Christus Jesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum.* 1 Tm 1.

Meu Redentor Jesus Cristo veio a este mundo a salvar os pecadores, entre os quais minha consciência me certifica de que por minha ingratidão sou o primeiro e o mais digno de castigo.

> *Cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies.* Sl 50.

Mas vós, Deus meu, por pecador que eu seja, tendes dada palavra de não me desprezar sempre que me chegue a vossos pés com um coração contrito e humilhado.

Propósitos

Deus se humilhou, diz o grande padre Santo Agostinho [^6]: envergonhe-se o homem de ser soberbo. E com razão; porque que títulos pode ostentar o homem para fazer escusável sua soberba depois que o mesmo Deus se humilhou e, como diz o Apóstolo, se aniquilou, obedecendo até padecer morte de cruz? És poderoso? Jesus Cristo era o Verbo e o poder eterno com que se tiraram do nada todas as coisas. És príncipe, és grande no mundo? Jesus Cristo era o príncipe da paz, o rei pacífico, o que tem seu império sobre seu ombro, o monarca dos monarcas e o senhor dos senhores. Tens abundância de riquezas? Jesus Cristo possuía todos os tesouros do Eterno Pai; a ele deu este toda a potestade sobre os céus e a terra. És sábio? Jesus Cristo era a mesma eterna sabedoria por essência. És nobre? Fazes ostentação de uma prolongada série de ascendentes gloriosos? Jesus Cristo era do sangue real de Davi enquanto homem e, enquanto Deus, é filho do Eterno Pai. Ensoberbece-te essa formosura de corpo que possuis sem haver feito diligência alguma para adquiri-la? Jesus Cristo é o mais formoso e agraciado entre todos os filhos dos homens, como diz o real Profeta. Apesar de tudo isto, Jesus Cristo se humilha, e se humilha até morrer; que deverás fazer tu? Envergonhar-te de haver sido soberbo e propor-te para o sucessivo ao mesmo Filho de Deus por exemplar. Quanto mais exaltado te achares sobre os demais homens, diz Santo Agostinho [^6], tanto mais deves humilhar-te; a glória da honra consiste na virtude da humildade. Sem esta virtude não podes dizer que és cristão; e assim diz o mesmo santo Padre: Se me perguntas qual é a primeira coisa na religião e ciência de Cristo, respondo: a humildade é a primeira. Se perguntas qual é a segunda, respondo: a humildade; qual é a terceira? A humildade. Assim dá a entender a necessidade desta virtude para a vida cristã e assim faz ver que sem ela não pode subsistir o edifício da graça nem chamar-se ninguém verdadeiro cristão. Sendo isto assim, conhece quão errado caminhas pretendendo os privilégios de tão augusto nome, sendo tão

altaneiro em tua conduta. Daqui em diante é preciso moderar esse gênio altivo com que queres avassalar teus semelhantes; é mister tratar com mais amor e doçura a teus familiares, a teus criados e dependentes; é preciso ceder de tua opinião e não querer que todos hajam de sujeitar suas luzes a teu modo de pensar; é necessário olhar os pobres com olhos menos desdenhosos e respeitar neles todos os direitos da natureza; é absolutamente necessário que entres dentro de teu coração, que reconheças teus defeitos, que te confesses inferior no tribunal da verdade àqueles que desprezas e que, convencido de tudo isto, imites e aprendas daquele que diz [^7]: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração.* De outra maneira, teme a abominação e execração de Deus, que contra os soberbos tem fulminada o Espírito Santo nas sagradas Escrituras [^8], e olha que Deus sempre cumpre suas palavras.

[^1]: Ecl 3,1. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^2]: 1 Ts 5,17. O texto desta nota aparece deslocado no meio da vida de São Pascoal, como «(1) I. Thessal. 4.». [^3]: O texto original traz «Paulo II»; em 1540 o papa era Paulo III. [^4]: Sl 73,23. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^5]: Tg 4,6. (Nota do autor: «Cap. 4».) [^6]: Santo Agostinho, *De virginitate* (O OCR traz «De Virginit. cap. 43»). A chamada «(1)» aparece três vezes neste parágrafo, todas remetendo a esta nota. [^7]: Mt 11,29. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota aparece deslocado, no início do dia 18, como «(1) Matth. 11». [^8]: Livro dos Provérbios; o texto da nota aparece deslocado, no início do dia 18, como «(2) Proverb. 0.» (o algarismo do capítulo está ilegível).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:17 by Admin